

EMPRETESER: A EDUCAÇÃO E A METODOLOGIA DE PROJETOS ENQUANTO PRÁTICA DE INTERVENÇÃO NO MUNDO

Valtyana Kelly da Silva¹

RESUMO

A educação é uma forma de intervir no mundo. Estar no espaço educacional e ser incentivada, enquanto educadora, pela premissa de que o ensino e nosso ofício docente podem ser uma prática de intervenção e transformação social, me fazem refletir sobre como consolidar esses princípios nas escolas. Neste caminho, observando e dialogando com o cotidiano dos discentes e suas vulnerabilidades nasceu o projeto *EmpreteSer*. Pensado e gestado em união com uma comissão de estudantes negros de uma Escola Cidadã Integral no Estado da Paraíba, o projeto está alicerçado na ideia de desenvolvimento do protagonismo estudantil e de cultura de paz a partir da realização de palestras, ateliês culturais, desfiles, apresentações de dança e música que têm como cerne o debate étnico-racial. À vista disso, este artigo tem como objetivos principais apresentar o Projeto *EmpreteSer* e suas implicações nas práticas docentes, no cotidiano dos estudantes e na experiência da comunidade escolar com a temática étnico-racial; além de possibilitar uma análise da utilização da metodologia de projetos na educação. Embasado em Paulo Freire, bell hooks, Frantz Fanon, Angela Davis, Djamila Ribeiro e Fernando Hernandez, o artigo é uma narrativa de como o processo educacional ao motivar o protagonismo estudantil e a cultura de paz fez com que os discentes buscassem pesquisar e ler mais sobre o assunto para que pudessem compreender as suas próprias experiências e existências; além de contribuir no engajamento social, na construção de conhecimentos diversos de mundo e na melhoria do convívio escolar. Logo, um ensino que transgride e que pode nos fazer ultrapassar fronteiras.

Palavras-chave: Educação, Metodologia de Projeto, Relações Étnico-Raciais, Protagonismo Estudantil, Intervenção.

¹ Doutoranda em História da Universidade Federal de Pernambuco e professora de História no Ensino Básico da Secretária de Educação do Estado da Paraíba, valtyana.kelly@ufpe.br;

INTRODUÇÃO

Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação em prática de liberdade. (Hooks, 2013, p. 23-4)

Dialogando com a professora e escritora bell hooks e com o educador Paulo Freire, que escreve “outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996, n.p.), defendo e acredito em um ensino que transforma e intervém no mundo. A educação pode ser uma prática de liberdade, pode compreender os discentes neste movimento que transgredir, e pode nos fazer ultrapassar fronteiras. Estes propósitos atravessam a minha prática docente e a forma como conduzo-me enquanto professora. Para além de um ofício, ser educadora e historiadora é um projeto de vida e produção de mundo. Nesse sentido, ao adentrar nos territórios da escola que leciono, diariamente, reflito como posso fazer da minha sala de aula um espaço de intervenção e de transformação social. Destas considerações, nasceu o projeto *EmpreteSer*.

Situada em uma zona periférica da cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, geograficamente afastada do centro comercial da cidade, a escola cidadã é socialmente constituída por estudantes, em sua maioria, pretos e pardos, de baixa renda e oriundos da zona rural. Fundamentada nos preceitos das escolas de tempo integral, objetiva um modelo de educação em que há o desenvolvimento integral do aluno, em todas as suas dimensões, como a intelectual, física, emocional, social e cultural. Das sete horas da manhã até as dezessete horas da tarde, os discentes encontram-se no interior dos muros da escola. Como conectá-los e prepará-los para atravessar esses muros e compreender-se enquanto participantes e agentes de transformação no mundo em que vivem? Como auxiliar no desenvolvimento e amadurecimento do olhar para uma conjuntura social e política alicerçada na desigualdade? Observando, então, o cotidiano dos discentes e suas vulnerabilidades, em consonância com a ideia da educação como modificadora do mundo, o projeto *EmpreteSer*, após o nascimento, começou a respirar.

O *EmpreteSer*, foi pensado e gestado em união com uma comissão de estudantes negros da escola cidadã integral. Programado para acontecer durante três dias na Semana da Consciência Negra de 2022 (com palestras, ateliês, apresentações culturais, desfile da comunidade negra da escola e criação de um mural), desde o seu surgimento, diante das demandas trazidas pelos membros da comissão, ficou evidente que o projeto atravessaria fronteiras e se tornaria uma iniciativa para ser trabalhada durante todo o ano letivo. Alicerçado na orientação de desenvolvimento do protagonismo estudantil (premissa amplamente discutida no cerne das escolas integrais: como tornar nossos estudantes protagonistas da educação, do seu aprendizado e, principalmente, das suas vidas?), a metodologia de projetos, base do *EmpreteSer*,

é uma forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem, que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de uma forma rígida, nem em função de algumas referências disciplinares preestabelecidas ou de uma homogeneização dos alunos. A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio. (Hernandez; Ventura, 2017, p. 59).

Após o nascimento e as primeiras respirações, o *EmpreteSer* despertou para a coletividade em que estava inserido, e inicializou o trajeto de transgressões. Fundamentada em Fernando Hernandez (1998), acredito na importância de romper com uma visão da educação escolar conteudista, em que os objetos são estáveis e universais, não compreendendo as distintas realidades, socialmente construídas. A escola é um espaço de intercâmbios de culturas e biografias. Além do mais, é imprescindível atravessar as fronteiras demarcadas por um ensino que nada diz sobre os intercâmbios simbólicos, construção de identidades sociais existentes na prática educacional, sobre o papel das sensibilidades e do afeto no aprender. Neste sentido, por ter sido elaborado em conjunto com os discentes e por ser alicerçado nas vivências da comunidade negra da escola, fez com que os estudantes buscassem pesquisar e ler mais sobre o assunto para que pudessem compreender as suas próprias experiências. Diálogos sobre autodeclaração e empoderamento negro ganharam força nos corredores e espaços de convi-

vência da escola. Frases como “sou preta”, “vidas negras importam”, “orgulho da minha cor”, “eu amo meu cabelo cacheado”, passaram a fazer parte do nosso cotidiano.

“Eu ousaria dizer, parafraseando: nada faremos pela Educação, se nos limitarmos a repetir velhos conceitos fora de contexto, a raspar esses ossos como cães famintos...” (Gallo, 2008, p. 56). Portanto, é crucial novas metodologias e novas compreensões para com a educação, empenhadas na busca por um aprendizado integral, consolidado no protagonismo dos estudantes e na melhoria do ensino público. Para isso, a transgressão também se desloca para os currículos escolares, propondo romper com o ensino centrado em disciplinas compreendidas de modo fragmentado, empacotadas em compartimentos fechados, que oferecem, aos discentes, formas de conhecimento que não dialogam com os saberes e vivências existentes fora dos muros da Escola. Ao invés de afastados das demandas que diferentes setores sociais trazem à instituição escolar, o *EmpreteSer* foi embasado na interdisciplinaridade e no ato de ouvir as necessidades, bem como reivindicações dos estudantes.

A humanidade não foi negada apenas aos estudantes na educação, enxergados, por muito tempo, como tábulas rasas, meros receptores de um conhecimento engessado e excludente. A humanidade também foi negada à população negra. Em concordância com Djamila Ribeiro (2018), o *EmpreteSer* objetiva restituir humanidades negadas. Fomentar e ampliar o debate étnico-racial durante todo o ano letivo, rompendo com a prática de falar de negritudes apenas no mês da Consciência Negra. Além do mais, o projeto tenciona construir com os discentes o reconhecimento do corpo negro enquanto ferramenta de transformação e questionamento, como enfatiza Franz Fanon (2008, p.191) “ô meu corpo, faça de mim um homem que sempre questiona”. E assim, compreender os processos educacionais e da História como práticas libertadoras, capaz de dar novos significados ao mundo e si mesmo. Logo, abandonar os “velhos” costumes e navegar pelos “novos” caminhos que a educação tem para oferecer.

Ao fazer parte das rodas de conversas entre discentes, para além do desenvolvimento do protagonismo estudantil, o projeto *EmpreteSer* passou a ter outra dimensão, a de mediação escolar e cultura de paz. Inicialmente, estudantes passaram pelo processo do autoconhecimento, do reconhecer e se orgulhar da sua origem e sua cor. Posteriormente, este reconhecimento mediou os conflitos existentes devido aos preconceitos raciais. À educação não basta não ser racista, é preciso ser antirracista, seguindo os ecos da luta de Angela Davis. Assim, os

discentes que outrora não concebiam a gravidade de algumas “brincadeiras” ou que não reconheciam a origem discriminatória de expressões, passaram a refletir sobre seus pensamentos e a compreender que ações eram racistas e como poderiam combatê-las. Foi um trabalho lento e gradual de uma educação antirracista que parte do diálogo, do reconhecimento e da desconstrução de concepções de mundo. Com isso, diminuíram os conflitos por questões étnicas e o debate racial passou a fazer parte do cotidiano dos estudantes.

No que concerne à disciplina de História, a que leciono, questionamentos foram fundamentais para a reelaboração da prática docente durante a execução do *EmpreteSer*. Como os discentes enxergam a sua própria historicidade? Como se veem dentro desse universo da História? Durante muito tempo, o ensino de História foi (e ainda é, por alguns) pensado a partir da exclusão da realidade dos estudantes, desprezando qualquer experiência vivida por eles, impossibilitando-os de chegar a uma interrogação sobre seu lugar, o da sua família, seu grupo social, sua etnia e seu tempo, no mundo. Essa história, de acordo com Cabrini et al. (2013, p. 34), torna “natural” o fato de o aluno não se ver como um agente da História, considerando-o incapaz de perceber conhecimentos históricos a partir de suas experiências e vivências individuais.

Buscando respostas para as indagações iniciais, e se colocando em oposição ao método de ensino que exclui os discentes, o projeto *EmpreteSer* tinha, igualmente, como premissa encorajar os alunos a manifestarem uma postura participativa e colaborativa que dá suporte ao desenvolvimento do conhecimento. A partir do uso da metodologia de projeto, os estudantes são desafiados e instigados a serem protagonistas, reconhecendo que são agentes históricos e que suas experiências e vivências são importantes para o processo de ensino-aprendizagem. Conforme mencionado anteriormente, a escola fica em um distrito da cidade, encontra-se na periferia, e atende a um público majoritariamente negro, portanto, o *EmpreteSer* pretende que os discentes com suas histórias possam compreender a educação como prática de liberdade, e, assim, intervir no mundo.

Para transgredir e ultrapassar os limites estabelecidos por uma sociedade marcada por desigualdades e questões étnicas, é imprescindível transformar o ambiente escolar. Romper a ideia de um ensino em que o discente apenas recebe e reproduz o conhecimento, para uma educação no qual o estudante é orientado a expandir o pensamento crítico, por meio de diferentes habilidades, e, assim, acessar criticamente o mundo em que vivem. Nesse sentido, para a efetivação

do *EmpreteSer*, o objetivo principal deste trabalho é narrar as experiências vivenciadas no processo de elaboração e execução do projeto. Acredito que, para além da realização de nossas atividades no ambiente escolar, a educação acontece por meio dos diálogos, principalmente com espaço acadêmico. Esse artigo é uma narrativa que pretende apresentar, aos diferentes agentes que compõem o universo da educação, caminhos para um processo educacional mais comprometido com a realidade social dos discentes e que abrace as diferenças.

Por fim, o *EmpreteSer* emergiu para romper os silêncios, inspirado em uma entrevista feita pela escritora Conceição Evaristo para o Carta Capital em 2017, em que ela afirma “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara”. Por muito tempo silenciados e marginalizados, estudantes de periferia, jovens negros, podem ter voz e expressar suas compreensões de mundo através dos debates, das exposições artísticas e das palestras. O projeto confirma a ideia de que o ensino de História e a educação podem ser uma prática de liberdade e intervenção no mundo, que a trajetória educacional pode ser estimulante e fascinante, e que a metodologia de projeto pode ser eficiente no processo de constituição do protagonismo estudantil.

METODOLOGIA

E precisamos estar preparados para um novo começo quando finalmente entrarmos em contato uns com os outros pessoalmente. Precisaremos realizar grandes manifestações e movimentos, apoiar todas as greves e criar uma organização duradoura que nos ajude a nos afastarmos desse monstro capitalista em direção a um futuro melhor. (Davis, 2020, sn).

Em 2020, em meio à experiência do COVID-19, Angela Davis e Naomi Klein, reconhecidas ativistas feministas, protagonizaram um importante debate *on-line* sobre os caminhos da globalização durante e após a pandemia. Davis (2020), ressaltou a importância de um novo começo e do desenvolvimento de movimentos que se distanciem do que nomeia como capitalismo racial. A vivência pandêmica ampliou a perspectiva de uma sociedade fundamentada na ausência de uma infraestrutura internacional de saúde que acomode todas as pessoas e que não pretenda apenas o lucro. O capitalismo afugenta indivíduos à vulnerabilidade e à precariedade. Neste cenário, a população negra é um dos principais grupos alvos da segregação imposta pelo capitalismo racial. Segundo

Hartman (2021, p. 144), “Esta é a sobrevida da escravidão – oportunidades de vida incertas, acesso limitado à saúde e à educação, morte prematura, encarceramento e pobreza.” Ela, e todos nós, somos uma sobrevida da escravidão.

No Brasil, o ano de 2022 representou um retorno presencial, inicialmente de forma híbrida, e posteriormente de maneira integral para a escola. Após dois anos de impacto devido à pandemia do COVID-19, estudantes e docentes enveredavam na tentativa de novos caminhos para serem trilhados na educação. Alguns de nós, professores, saímos transformados dessa experiência, decididos a engendrar em diferentes direções na prática docente. O *EmpreteSer* nasceu como um evento da consciência negra – iniciativa para dar protagonismo à população negra, persistentemente segregada e silenciada na História. Enquanto “vidas negras estão ainda sob perigo e ainda são desvalorizadas por um cálculo racial e uma aritmética política que foram entrincheirados séculos atrás” (Hartman, 2021, p. 143), faz-se necessário, no espaço educacional, projetos que envolvam a temática étnico-racial.

Inicialmente, gestado para a Consciência Negra no mês de novembro, o projeto cresceu para novas trajetórias no espaço escolar. É fundamental demonstrar como foi esse processo, que, desde o início, pontuou a importância da temática étnico-racial e social, da participação definitiva dos discentes, seguindo as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que indica que espaço educacional deve viabilizar a identificação e o combate às diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. Logo,

São projetos desenvolvidos por alunos em uma (ou mais) disciplina(s), no contexto escolar, sob a orientação do professor, e têm por objetivo a aprendizagem de conceitos e desenvolvimento de competências e habilidades específicas. Esses projetos são conduzidos de acordo com uma metodologia denominada Metodologia de Projetos, ou Pedagogia de Projetos. [...] os projetos de trabalho são executados pelos alunos sob a orientação do professor visando a aquisição de determinados conhecimentos, habilidades e valores (Moura & Barbosa, 2006, p.12).

Por esse ângulo, antes de receber um nome, no período que ainda era uma ideia – constituída a partir da observação e das experiências vivenciadas na escola – divulguei entre os discentes a proposta de um evento no dia da Consciência Negra. Para isto, solicitei a quem tivesse interesse em participar da criação e desenvolvimento do projeto, que me procurasse. O único requi-

sito para a entrada no grupo seria o estudante se autodeclarar negro, porque neste primeiro momento seria a oportunidade de escuta e diálogo. Gostaria que fossem narradas as vivências, os anseios, as propostas e de que forma o tema poderia ser abordado na escola. Uma abordagem capaz de reconverter em voz o silêncio daqueles que viveram os acontecimentos. O objetivo era dar protagonismo às narrativas dos estudantes. Na primeira reunião, no mês de setembro de 2022, em conjunto com o coordenador pedagógico da escola, tivemos a participação de 12 discentes, de turmas do 8º ano do Ensino Fundamental a 3ª série do Ensino Médio.

Neste dia foi estabelecido o nome: *EmpreteSer*, segundo o aluno do 9º ano que o propôs significava abraçar a ancestralidade negra e se reconhecer enquanto preto ou pardo. Os discentes debateram sobre como é fundamental **ser**, em uma sociedade alicerçada no capitalismo, em que o **ter** possui mais relevância. Nas reuniões (uma vez por semana, nos horários de disciplinas diversificadas) que antecederam o evento, houveram diálogos sobre questões étnico-raciais, foi abordada a importância dos Direitos Humanos, dos movimentos sociais, da ética, da leitura, das revoluções, das lutas por transformações, etc. A partir dos encontros, ficou definido que um dia não seria o suficiente, por isto o evento aconteceria durante três dias: **16, 17 e 18 de novembro de 2022**. Além de estabelecer as palestras que teriam a participação de representantes do Movimento Negro de Campina Grande - Paraíba, as apresentações de capoeira, a intervenção artística com a pintura de um mural, a realização de Ateliês Culturais – com oficinas de Dança Afro, Religiões Afrobrasileiras, Cultura e Pinturas de Máscaras Africanas e Tranças Nagô – e, por fim, a definição de como seria o I Desfile *EmpreteSer*, com toda a comunidade negra da escola (discentes, docentes e funcionários).

Objetivando uma maior organização do evento, após as deliberações sobre o cronograma, o grupo de discentes foi dividido em seis equipes, cada uma responsável por liderar um setor. À cada equipe era facultado o convite de outros estudantes para integrarem o seu grupo. As seis equipes eram: **decoração**, ficou no encargo de liderar a ornamentação e estruturação do espaço, pela distribuição das cadeiras, montagem de mesa e som, organização do desfile, etc; **ateliê**, tinham como função acompanhar e auxiliar os palestrantes que iriam ministrar as oficinas; **mídia**, responsáveis pela fotografia e produção de vídeos de todo o evento, além da distribuição de cartazes pela escola com mensagens de empoderamento negro, com indicações de livros e filmes sobre a temática

racial; **artístico**, ficou na incumbência da atividade de intervenção artística que aconteceria durante todo o evento, desde a elaboração da imagem até a pintura no muro da escola; **apoio**, exercia a comunicação entre as equipes, recepcionava os palestrantes; e, por fim, a **inscrição**, que antes do *EmpreteSer*, estavam na tarefa de inscrever todos os alunos da escola, para participar de algum ateliê de cultura ou do Desfile, nas listas que podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1 – Listas de Inscrição do Ateliê de Cultura e do Desfile *EmpreteSer*



Fonte: Elaboração própria (2024)

Durante toda a execução do projeto, a metodologia de projeto foi associada às metodologias ativas, por estas últimas serem “estratégias pedagógicas para criar oportunidades de ensino nas quais os alunos passam a ter um comportamento mais ativo, envolvendo-os de modo que eles sejam mais engajados [...]” (Valente; Almeida; Geraldini, 2017, p. 464). Os métodos ativos destacavam atividades que podiam auxiliar os discentes no estabelecimento de relações com diversos contextos históricos, políticos e sociais, bem como no desenvolvimento cognitivo e no processo de construção do conhecimento. No *EmpreteSer*, a forma enciclopédica e engessada de compreender e ensinar foram confrontadas. Inspirado no modelo da pedagogia da autonomia de Paulo Freire e da educação que ensina a transgredir de bell hooks, o projeto estava alicerçado no método ativo que dá mais centralidade aos discentes. Tornando-os protagonista da aprendizagem. Farias (2016, p. 19) afirma que as metodologias ativas têm por fim “[...] aproximar o discente de desafios e problemas que mobilizem seu poder cognitivo

para o enfrentamento de situações reais, formando-o para o pensamento crítico e reflexivo e, conseqüentemente, um posicionamento ético em sociedade”.

Por fim, para a construção do *EmpreteSer* foi imprescindível a colaboração de outros docentes, demonstrando a importância da interdisciplinaridade. Na busca pelo conhecimento, não deve ser excluído nenhum enfoque; as diferentes manifestações do conhecimento devem ser aprendidas e estudadas. “É uma ilusão, infelizmente muito estendida no pensamento ocidental, achar que o conhecimento se desenvolve dentro de posições nitidamente delimitadas e que todas as perguntas legítimas devem ter uma única resposta verdadeira” (Leis, 2005, p. 9) Essa ilusão conduz o conhecimento a becos sem saída. Portanto, para não engendrar em caminhos limitados que não permitem a diferença, o debate étnico-racial e a consolidação do projeto uniu diferentes conhecimentos e experiências em distintas disciplinas: Geografia, Arte, Religião, História, Biologia, Matemática, entre outras, foram de extrema importância na construção de novos saberes para nossos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Como professoras e professores, acreditamos que aprender é possível, que nada pode impedir uma mente aberta de buscar conhecimento e de encontrar um modo de saber.” (Hooks, 2013). O *EmpreteSer*, para além de um projeto elaborado para acontecer na semana da Consciência Negra, foi fundamentado na crença do poder do conhecimento, da liberdade do saber e da aprendizagem dentro e fora dos limites da sala de aula. Neste sentido, ele dialoga diretamente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (BNCC, p. 9)

Para isto, é de suma importância inserir os discentes na ação, promovendo a sua autonomia. Inicialmente, pelo fortalecimento da importância dos conhecimentos prévios dos discentes, os afetivos, contextuais, cognitivos, etc. Conforme Paulo Freire (1996, p. 29) “[...] o que impulsiona a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo a partir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos”. Baseado na BNCC, o projeto incentivou a participação dos discentes, desde a elaboração do *EmpreteSer* até

sua execução, de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Além do mais, dialogou com os valores de cidadania, respeito, ética, cooperação, solidariedade, responsabilidade, transparência, eficácia e eficiência da Escola Integral do Estado da Paraíba.

Como resultados, em conjunto com os discentes, criamos a arte do evento, Figura 2 a), e juntamente com a equipe de **mídia** e professor de inglês, foram selecionados filmes com a temática racial e disponibilizados sinopses e imagens em cartazes que foram colados em diversos lugares da escola, conforme pode ser visto na Figura 2 b). Corroborando com Franco (2005, p. 35) que destaca como as mídias, sobretudo o cinema, a influenciam na formação da personalidade de crianças e adolescentes, a utilização de filmes com temáticas étnico-racial foi um instrumento para que o debate possa ser mais amplo e alcançar os lares dos discentes. Além do mais, o cinema exerce um papel de agente que interfere diretamente na sociedade ao regular valores, costumes e linguagem, logo, as mídias podem estar a serviço da educação, pois “as mídias audiovisuais, sejam elas tradicionais ou interativas, têm um papel fundamental como veículos catalizadores para a construção de conhecimento”.

Figura 2 – a) Arte do *EmpreteSer*. b) Colagem de cartazes sobre filmes com temáticas étnico-racial



Fonte: Elaboração própria (2024)

Além dos cartazes dos filmes, também foram coladas mensagens famosas de escritoras negras e suas respectivas obras. *Hibisco Roxo* de Chimamanda

Adichie, *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, *Olhos D'água* de Conceição Evaristo, são alguns exemplos. Acreditamos na importância da leitura de literaturas de escritoras negras na luta antirracista, principalmente porque “em relação à literatura brasileira, verifica-se que as obras produzidas por autoras negras possuem pouco espaço editorial, sendo desconhecidas do público em geral e pouco estudadas nas escolas de educação básica e superior.” (Araújo, 2021, p. 120). Deste modo, a disseminação das obras literárias pretendeu dar voz a grupos historicamente silenciados.

Posteriormente, a equipe de **ateliê**, selecionou, em conjunto com a Gestão Escolar, e organizou as salas onde aconteceriam as oficinas culturais. Conforme a Figura 3, nas portas da sala estavam destacadas o nome do Ateliê de Cultura. Durante o evento, os discentes se dirigiam aos respectivos cursos em que estavam inscritos para desenvolver o conhecimento sobre cultura afrobrasileira. O *EmpretesSer* e a proposta dos Ateliês é fundamentado na Lei 10.639 de 2003, em que se torna obrigatório, nos espaços educacionais, o ensino da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, com o objetivo de rememorar a contribuição do população negra nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Além da participação da equipe, nos Ateliê de Cultura houve a colaboração de professores, da área de Humanas e suas linguagens, que auxiliavam os ministrantes das oficinas.

Figura 3 – Placas dos Ateliês



Fonte: Elaboração própria (2024)

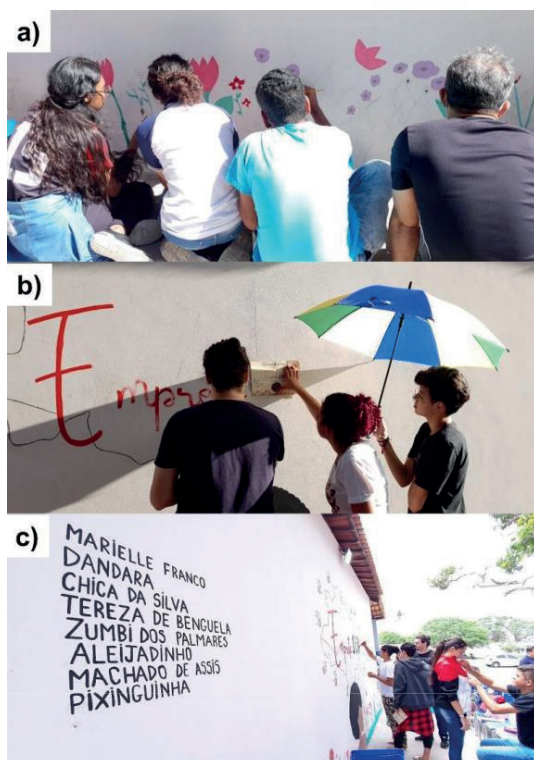
Haviam seis **Ateliê de Cultura**: Dança Afro, Arte Afro, Música Afrobrasileira, Tranças e Turbante, Religiões Afrobrasileiras e Culinária Afrobrasileira. Em todos havia a parte teórica, no qual foi explicado para os discentes sobre a História e como a temática cultural era um símbolo para a população afrobrasileira e a parte prática para ir mais a fundo nos aspectos da cultura. Logo, discentes dançaram, cantaram, desenharam, pintaram e fizeram tranças, tentando compreender intensamente a sua ancestralidade e a representatividade contida em seus corpos, para “sacudir os corpos da paralisia, do adormecimento causado pelo processo de produção de subjetividades e corpos disciplinares.” (Albuquerque Jr., 2019, p. 87).

Durante os três dias, enquanto o evento acontecia, os discentes da equipe **artístico** realizavam a intervenção artística em que era construído um mural com a arte do evento criada pelos estudantes. A Figura 4 apresenta o processo de construção do mural e como houve a participação de inúmeros discentes (na Figura 5, no lado direito da fotografia está escrito o nome de todos os participantes da intervenção), de diferentes turmas, validando o protagonismo estudantil. Com a premissa de protagonismo, o *EmpreteSer* contribuiu também no amadurecimento de práticas retóricas, na promoção da responsabilidade dos estudantes, no engajamento social a partir das reflexões, entre outras mudanças. As aprendizagens e debates nas palestras e nas oficinas eram levados para a vida cotidiana dos estudantes e para os corredores da escola. O debate étnico-racial e social, igualmente podia ser ouvido em vários lugares. Alunas comentando que tinham conversado com os pais e familiares sobre racismo, feminismo, desigualdade social; estudantes destacando o interesse em aprender mais sobre o tema. Portanto, foi notório que o projeto conseguiu fincar raízes e crescer. Ultrapassou os limites da sala e as fronteiras da escola. Um ensino para viver possibilita esses atravessamentos.

Além do mais, diversos professores se empenharam na construção do mural: o professor de matemática teve atuação intensa ao ajudar os estudantes com a noção de escala, os professores de arte auxiliaram na escolha de cores e na pintura, e outros docentes que gostavam de desenho também participaram. Estas ações evidenciaram como o processo de ensino e aprendizagem pode acontecer em diferentes espaços, como uma intervenção artística mescla variados saberes, e como “intervenções sociais e educativas com a inserção do hip hop [...] buscam por meio dos seus elementos, rap, break e *graffiti*, educação social e conscientização para a luta por direitos humanos”. (Coutinho, 2018,

p.26). Luta de extrema importância e abraçada pelo *EmpreteSer*, por este motivo o nome do evento foi “Vidas negras importam”, como pode ser visto na Figura 5. O projeto foi pautado na Declaração Universal dos Direitos Humanos buscando legitimar que todos tem direito à vida, à liberdade e à igualdade.

Figura 4 – Intervenção artística



Fonte: Elaboração própria (2024)

Figura 5 – Antes e depois da parede



Fonte: Elaboração própria (2024)

No caminho de legitimação da vida, as palestras seguiam o tema *Vidas negras importam*. Palestrantes, conforme pode ser visto na Figura 6, teceram narrativas sobre suas experiências de vida, destacaram estatísticas nacionais sobre assassinatos de jovens negros e mulheres negras, bem como do índice educacional entre a população negra. O corpo negro entrou em debate, sobretudo alicerçado no pensamento de Franz Fanon que afirmou “o negro não é um homem” (Fanon, 2008, p. 26), o negro é um homem negro. Em sua obra, Fanon narra sua trajetória de vida, como o seu mundo foi invadido e precisou elaborar uma nova forma de ser, e como os dedos apontados para a sua cor o fizeram delimitar o campo de batalha e entrar na luta. Ele recusa todas as amputações, sente que sua alma é tão vasta quanto o mundo, e que tem no peito a potência de expansão divina. A utilização das palestras teve como objetivo apresentar aos discentes essa potência e o quão vastos são em suas singularidades, além de incentivar o reconhecimento de suas ancestralidades.

Figura 6 – Registros fotográficos de Palestras no Projeto *EmpreteSer*



Fonte: Elaboração própria (2024)

O encerramento de três dias de evento foi com uma atividade que despertou grande expectativa dos participantes: um desfile da comunidade negra escolar. Houve a participação de estudantes, professores e funcionários, e o tema do desfile foi “*Vidas negras importam*”. No início do desfile, estudantes e professores entraram com placas que faziam referência a crianças e adolescentes negros assassinados no Brasil, os participantes ecoaram em uníssono um “Basta!”, reafirmando como a vida de cada um importa. Com muita emoção, embalados nas músicas de Iza, Emicida, WD, Negra Li e Baco Exu do Blues, houveram lágrimas e reconhecimento enquanto pessoa negra, vários estudantes confirmaram que o desfile as marcou como um momento de ruptura e de empoderamento.

Por fim, na prática de replicabilidade, apreendendo que o debate étnico-racial deve atravessar o mês de novembro, em março de 2023, mais especificamente no Dia Internacional da Mulher, proferi uma palestra sobre feminismo negro para a escola (Figura 7), a pedido dos discentes da 3ª Série do Ensino Médio, que queriam que todos tivessem acesso ao debates ocorridos em sala de aula. Falar sobre empoderamento feminino negro e sobre a importância de pensar os corpos de mulheres negras, historicizando-os e dando uma conjuntura social e política, para as alunas, era imprescindível. Além do mais, os estudantes construíram um mural da representatividade feminina negra, com imagens de Tereza de Benguela, Dandara, Luíza Mahim, Anástacia, entre outras mulheres.

Figura 7 – Palestra sobre feminismo negro no Dia Internacional da Mulher



Fonte: Elaboração própria (2024)

Conforme bell hooks (2021, n.p.) “Minha esperança emerge daqueles lugares de luta nos quais testemunho indivíduos transformando positivamente sua vida e o mundo ao seu redor. Educar é sempre uma vocação arraigada na esperança.” Com esperança, vontade de intervir e praticar a liberdade, o projeto foi pensado para que os discentes construam e desenvolvam conhecimentos diversos, de mundo, científicos, retóricos, entre outros. Para que possam ver a educação como uma ferramenta de transformação, intervenção e liberdade; a História, o ensino e o currículo como instrumentos de aprendizagem, reflexão, luta política, e que pode ser abordado de forma ativa e didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] naqueles momentos em que se exige do coração aguentar mais do que ele é capaz, para que professores e estudantes e conteúdos possam ser tecidos dentro da trama da comunidade que o aprendizado e a vivência requerem. (Parker Palmer)

Para ensinar é preciso ter muita coragem. É preciso estar alinhado a todas as transformações que ocorrem na sociedade e, por consequência, na escola. O espaço escolar é mutável e diverso, logo, é necessário que enquanto docentes estejamos inseridos nessas tramas que passam por constantes metamorfoses. Acredito que para isso é preciso ter coragem e coração aberto para mirar nossos estudantes, e enxergar jovens com experiências e vivências que são fundamentais para o ensino-aprendizagem. Neste sentido, o projeto *EmpreteSer* contribuiu, primeiramente, para nos dar esperança. Atingimos a combinação de teoria e prática educacional, muitos estudantes passaram a se ver, a compreender o ensino e a escola com novos olhares. No fim o sentimento de dever cumprido é sentido.

De pais e responsáveis, a discentes, gestores e professores, havia a ênfase em como o projeto incentivou os discentes no engajamento cotidiano com as questões étnico-raciais. A transformação da sala de aula, o romper com os obstáculos do ensino tradicional e naturalizante, a metodologia de projetos nos permitiu ultrapassar as fronteiras da escola. O debate étnico-racial saiu do silenciamento, e em conjunto com os discentes, recebeu protagonismo. A partir dessa experiência, estudantes afirmavam como aprender sobre sua ancestralidade se tornou mais fácil e motivador, em como passaram a compreender o mundo e a se ver agente da História, logo, confirmaram a ideia inicial do projeto

de que a educação pode ser instrumento de intervenção no mundo e prática de liberdade

Além do mais, a Escola Cidadã Integral fica em um distrito, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Geograficamente em uma zona periférica, o território é marcado por diversas precariedades. Isto pode ser uma consequência de processos em que benefícios de desenvolvimento econômico ficam restritos a determinados segmentos da sociedade. É importante destacar que “os brasileiros parecem acreditar que a ação coletiva tem importante papel na diminuição das desigualdades, mas não se veem, individualmente, como atores relevantes nesse processo. (Marió, 2005, p. 127). À vista disso, o projeto *EmpreteSer* enfatizou a importância das ações coletivas, estudantes se vendo como agentes de transformação, mas também, através do protagonismo estudantil, fortaleceu a relevância de cada um, individualmente, neste processo de intervenção no mundo.

O projeto propunha a educação como intervenção no mundo e prática de liberdade a partir de diversas bases teóricas. Como Paulo Freire e a pedagogia da autonomia, bell hooks e o ensinando a transgredir, Edgar Morin com o ensinar a viver, e, evidentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conforme as competências gerais, o *EmpreteSer* alcançou os objetivos de “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (BNCC, p. 9), ao impulsionar o crescente debate étnico-racial na escola e ao incentivar os estudantes a se perceberem como agentes de transformação. Muitos discentes romperam as barreiras de um ensino tradicional, questionando o lugar de meros receptores do conhecimento e legitimando suas experiências e vivências como parte da História, era visível o engajamento dos discentes com o evento.

Em conclusão, Edgar Morin menciona que em uma sociedade com tendência tecnoeconômica, em que a educação se volta para apenas competências socioprofissionais, direcionar o ensino para o viver se torna fundamental. Tendo isto em mente, o *EmpreteSer*, em conformidade com o pensamento de Morin, propôs uma conjuntura educacional que tinha como objetivo formar jovens e adultos “[...] mais capazes de enfrentar seus destinos, mais aptos a expandir o seu viver, mais aptos para o conhecimento pertinente, mais aptos a compreender as complexidades humanas, histórias, sociais, mais aptos a reconhecer os

erros e ilusões no conhecimento”, logo, “mais aptos a se compreenderem uns aos outros, mais aptos a enfrentar as incertezas, mais aptos para a aventura da vida”. (Morin, 2015, p. 68). O artigo é uma narrativa de encontro, de aproximação com práticas de intervenção de mundo, de liberdade e de ensinar a viver. Um encontro que tem como frutos a construção de conhecimentos diversos de mundo e na melhoria do convívio escolar. Um encontro que transgride e que pode nos fazer ultrapassar fronteiras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da História)** / Durval Muniz de Albuquerque Junior – 1 ed. – Curitiba: Editora Appris, 2019. 292 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2018.

COUTINHO, Gleydson Rogério. **Aquarela periférica na escola: a arte do graffiti desenvolvida pelo movimento organizado de hip hop do Maranhão Quilombo Urbano**. São Luís, 2018. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais, Instituto Federal do Maranhão).

DAVIS, Angela. **Construindo movimentos [recurso eletrônico]: uma conversa em tempos de pandemia** / Angela Davis, Naomi Klein; tradução Leonardo Marins. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCO, M. Você sabe o que foi o I.N.C.E.? In: SETTON, M. da G. J. (org.) **A Cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido** / Paulo Freire. 65ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOES, Fernanda Lira... [et. al]. **Atlas das periferias no Brasil: aspectos raciais de infraestrutura nos aglomerados subnormais**. Rio de Janeiro: Ipea, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**/Saidiya Hartman; tradução José Luiz Pereira da Costa; 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação [recurso eletrônico]: os projetos de trabalho** / tradução Jussara Haubert Rodrigues. - Dados eletrônicos. - Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. VENTURA, Monteserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. / tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Penso, 2017.

HOBSBAWM, Eric J., 1917- **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança** / bell hooks; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

MARIÔ, Estanislao Gacituá; WOOLCOCK, Michael (ogs.) *Exclusão Social e mobilidade no Brasil*. Brasília: IPEA: Banco Mundial, 2005.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOURA, Dácio Guimarães; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com Projetos – Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais**. Editora Vozes, Petrópolis, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VALENTE, V. A.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, A. F. S. **Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino.** Rev. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.